

O diabo muda de cor em Brasileia

A recente alagação no município de Brasília vitimou alguns bancários, tendo alguns perdidos todos os seus pertences. Os bancários do Banco da Amazônia, além do flagelo vivenciado, ainda tiveram que conviver com a intransigência e falta de solidariedade de seu superintendente, que além de ficar fazendo pressão para os empregados abrirem a agência, não disponibilizava mão de obra qualificada para a limpeza e técnico para recuperar a rede elétrica que se encontrava debaixo d'água.

Quando recebeu a denúncia, o Sindicato ligou imediatamente para o superintendente que negou as acusações. Neste mesmo período, foram ao município dois diretores do Sindicato e verificaram as condições insalubres que se encontrava a unidade e a incapacidade total de reabertura, onde havia empregados que ainda dormiam na unidade, devido a cheia das águas que atingiu 95% da cidade, assim prejudicando as condições de alojamento para abrigá-los.

Constatados as denúncias, o Sindicato encaminhou um ofício a SUPER pedindo explicações e solicitando um tratamento mais humanitário aos funcionários, como remédios e ou vacinas, isso pelo fato de alguns terem participado na limpeza da unidade e, assim, correndo riscos de doenças. Por outro lado, o superintendente fez ouvidos de mercador, preferindo fazer firlas junto ao empresariado local.

COMO AGIRAM OS BANCOS

Conhecido no meio sindical pelas práticas antisindical e o tratamento pouco generoso com seus funcionários, o Bradesco é conhecido como o "Banco do Diabo" no meio da categoria. Porém, a atitude do banco em relação a uma funcionária que perdeu todos os bens e moveis na catástrofe, foi ELOGIÁVEL. Diferente do Banco da Amazônia, a instituição solidarizou com a empregada, e a mandou para um hotel com os filhos e solicitou

um orçamento de todos os bens perdidos na enchente, e fez a reposição dos mesmos. E não parou por aí. O banco mandou recuperar a unidade e só voltou a funcionar quando tinha reais condições de atendimento. O Banco do Brasil, através da Gerencia de Pessoas, visitou as casas dos empregados alagados, e disponibilizou uma verba com juros ZERO e carência de dois anos para pagamento. Entendemos que com a alta rentabilidade do Banco do Brasil, esse valor deveria ser doado, ao invés de forma de empréstimo. Mas mostrou positividade.

O BANCO DA AMAZONIA, ao saber da enchente, seu superintendente ligava não para saber como estavam os empregados afetados, mas para pressioná-los pela abertura da agência. A denúncia chegou ao sindicato, onde uma funcionaria, para se comunicar teria ido até a Bolívia de canoa, pois assim como a telefonia o transporte ainda não tinha se restabelecido na cidade, prejudicando até mesmo a chegada de água potável.

Mesmo com a situação de calamidade pública, a SUPER queria a agência aberta a todo custo para cumprir metas. Pasmem. Parece inverossímil, mas foi assim que se deu. Quando foi ao município, acompanhado do governador para prestar solidariedade a comunidade e falar de empréstimos com juros diferenciados que o banco daria aos empresários afetados pela enchente, o superintendente foi incapaz de ir até a agência do banco falar com os funcionários. E ai vem a pergunta: o que dirá o governador ao saber que seu parceiro SOLIDÁRIO não fez sequer o dever de casa? Quando se mostrava comovido com o empresariado, ignorava totalmente a situação desoladora que enfrentava seus funcionários. Porém, nas entrelinhas ele entende que fez muito, porque disponibilizou um empréstimo com taxas de juros diferenciados já ofertados aos funcionários há muito tempo. Lamentável constatar que um gestor não tenha um pingo de solidariedade com quem constrói com ele os resultados. Lamentável constatar que o DIABO VESTIU VERDE EM BRASILEIA.